



ALFAEJA
III Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO, SUAS EXPRESSÕES DE LINGUAGEM E A RELAÇÃO COM A EJA

Herson Conceição¹
Antonio Amorim²

¹Mestrando em Educação de Jovens e Adultos pelo MPEJA- UNEB, professor da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Pertencente ao grupo de pesquisa Gestão, Organização e Política Públicas em educação-GP-GEPE Email: hersonconceio@yahoo.com.br

² Doutor em Psicologia. Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia. Líder do grupo de pesquisa Gestão, Organização e Política Públicas em educação-GP-GEPE. Email: antonioamorim52@gmail.com

EIXO TEMÁTICO 3: ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E AS DIFERENTES LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

RESUMO

Este estudo é fruto de reflexões sobre a relação do professor e aluno na realidade de sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na perspectiva da relação dialógica e dos tipos de linguagem, dialogando com a aprendizagem significativa e as ideologias incutidas no processo, considerando a educação formal e não formal e a possibilidade de sistematização que favoreça uma metodologia que contemple as expressões locais. Tem como problemática a relação conflituosa entre aspectos linguísticos utilizados pelo professor e a realidade do aluno, refletido na relação da educação formal e não formal. Objetiva-se refletir sobre o tipo de linguagem utilizada pelo professor, muitas vezes altamente científica e carregada da ideologia curricular mercantil, desconsiderando a linguagem daquela comunidade, tolhendo as possibilidades da realização de um trabalho pedagógico que também seja contextualizado, de acordo com a realidade do discurso, vivenciada pelos alunos; uma vez que o público da EJA é permeado de especificidades de gênero, idade, formação, religião, dentre outras. A metodologia baseia-se na análise qualitativa das produções bibliográficas. A pesquisa está fundamentada em Freire (1996), (1997), Vigostsky (1997), Soares (2003), Gonzalez (2005), Foucault (2001). Os resultados evidenciaram a necessidade da consideração das várias formas de expressão nas perspectivas da educação formal e não formal no espaço escolar. Desconsiderar tal possibilidade, já construída, é certamente deixar de considerar um potencial imenso que deve ser inserido no processo dialógico de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação, Diálogo, Aprendizagem, Discurso.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos, dentre seus vários aspectos, está alicerçada em processos de construção de conhecimentos diversos que não se limitam ao ambiente de sala de aula, mas, pelo contrário, está envolvida em vários condicionantes que podem ou não potencializar no aluno possibilidades de conhecimentos que o permitam perceber que suas aprendizagens adquiridas ao longo da vida deve ser respeitada de verdade pela escola, pelo professor e por toda a comunidade escolar. É nesse contexto que está inserida a questão da linguagem como elemento que pode possibilitar diálogos de construção a partir da concepção que a aprendizagem é baseada em trocas e construções coletivas, sendo a linguagem intermediadora deste processo. A escola deve perceber e respeitar estas, e outras, especificidades que os alunos da EJA trazem e que o contexto exige para um trabalho pedagógico que tenha real significado. Cabe salientar, diante de tal realidade, a necessidade de se pensar e refletir sobre aspectos diversos da educação não formal e a possibilidade de seu aproveitamento dentro das unidades escolares, desmistificando uma visão dicotômica e preconceituosa deste tipo de educação. Repensar o próprio conceito deste tipo de educação, que seria desenvolvido fora do espaço escolar, é condição “sine qua non” para uma nova ótica, onde a mesma fizesse parte e se relacionasse de maneira complementar com a educação formal, realizada dentro das escolas. Mesmo considerando-se as mudanças da própria concepção de educação e dos meios que sustentam as relações interpessoais e o momento político, onde o alunado desta modalidade de ensino representa o anseio de um momento histórico que infelizmente valoriza só o desempenho cognitivo e intelectual, deve-se ter um olhar sensível para um processo anacrônico, no qual se valorize as expressões, os conhecimentos prévios do aluno e o seu querer ao procurar uma escola regular. Desta forma o presente estudo objetiva fazer uma análise sobre a influência da linguagem utilizada pelo professor, muitas vezes altamente científica, os discursos e as ideologias nelas inculcadas, muitas vezes desconsiderando a linguagem daquela comunidade, tolhendo as possibilidades da realização de um trabalho pedagógico que também seja contextualizado de acordo com a realidade do discurso vivenciada pelos alunos; uma vez que o público da EJA é permeado de especificidades de gênero, idade, formação, religião, dentre outras. Claro que outras realidades devem ser consideradas, além das estratégias, inclusive porque o aluno tem, também de forma contundente, a necessidade de sobrevivência através do trabalho. Assim o processo linguístico é de essencial importância pela expressão dos vários diálogos que o professor pode e deve

dominar para poder contemplar as especificidades da língua dentro de um olhar que favoreça a leitura de contextos diversos, suscitados de realidades bem distintas, e ao mesmo tempo complementares entre si. O trabalho está estruturado com uma introdução onde será explanado de forma bem objetiva e contextual sobre a relação entre a linguagem, discursos e as ideologias, relacionando com a aprendizagem significativa. Na segunda sessão intitulada “as diversas linguagens na aprendizagem significativa da EJA, será explanado a relação entre a linguagem e o processo de aquisição da aprendizagem, considerando esta relação como complementaridade e de instrumentalização do aluno a partir dos diversos códigos utilizados pelo aluno e pelo professor. Na terceira sessão é tratado sobre a influência do diálogo crítico no processo de formação do aluno da EJA e a força do discurso, considerando também os processos ideológicos e seus impactos na formação do professor. Nas considerações finais é exarado sobre a necessidade do professor se instrumentalizar sobre a leitura e utilização das diversas formas de linguagem e discursos, considerando o contexto cultural e ideológico onde a comunidade está inserida.

Cabe destacar que as expressões, palavras e os conteúdos semânticos podem expressar realidades que estão envolvidas no processo de construção da cidadania, mas também podem representar a reprodução de símbolos ideológicos intencionalmente construídos e utilizados como fatores de exclusão social considerando a exploração de um código elitizado reproduzido por um currículo perverso das escolas. Assim os processos linguísticos estão aí a mercê das proposições dos utilizadores dentro de perspectivas direcionadas pelos interlocutores.

AS DIVERSAS LINGUAGENS NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DA EJA

Inicialmente é interessante se caracterizar a linguagem dentro de uma visão social voltada para a educação, onde a marca das variações são presentes na vida cotidiana dos atores envolvidos. Essa busca pela compreensão da simbologia linguística em termos de caracterização, faz-se importante a medida que coloca o conceito subjacente a uma perspectiva semântica contextual necessária para um trabalho docente alicerçado pelos bens culturais daquela comunidade. Também se faz necessária a medida em que coloca em evidência as diferenças semânticas e simbólicas nos vários contextos de leitura possíveis de exploração pelo professor e pela relativização com os próprios conceitos subjetivos.

Para Smolka e Nogueira (2011, p. 20),

O humano nasce pela internalização e transformação do social, cultural em algo próprio. Pela apropriação dos signos sociais ocorre o nascimento das formas volitivas essencialmente humanas. Dentre os signos culturais e sociais que são internalizados pelo sujeito, a linguagem assume papel fundamental. É por meio dela que o pensamento se constrói e também a constrói.

Desta forma a linguagem assume papel de mediação com o próprio mundo e representa de fato um o nascimento para as relações sociais, sendo de considerado valor semântico a partir da própria possibilidade de existência naquela comunidade relacional. O olhar das possibilidades e as mudanças nas concepções e culturas são cada vez mais constantes, acelerado pelas tecnologias nos ambientes sociais. Isso gerou um novo processo de relações entre os indivíduos, e destes com as instituições que direcionam o processo produtivo em suas várias esferas. Esse novo contexto expõe a educação a conflitos e quebras de paradigmas, colocando-a num patamar onde a busca de novas concepções torna-se essencial para alicerçar o trabalho pedagógico, incluindo ferramentas tecnológicas como suporte metodológico, contribuindo de forma efetiva na formação e inserção social do indivíduo. Segundo Gadotti (1998), Paulo Freire, utilizava como suporte para as suas aulas, recursos como a televisão, vídeos e mais tarde a informática. Deve-se encarar essas novas formas de linguagem dentro de uma nova perspectiva de se enxergar as relações, para que de fato, justifique-se a presença do aluno em sala de aula com bom aproveitamento, proporcionando de fato sua instrumentalização social e sendo estas novas linguagens elemento condutor das novas relações, possibilitadoras de um aprendizado mais significativo.

Para Vygotsky,

Um claro entendimento das relações entre pensamento e linguagem é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo. (1987, p. 26).

Cabe ressaltar a importância da linguagem no processo ensino-aprendizagem, uma vez que está associada ao pensamento e certamente ao processo de cognição, mas há de se convir que não havendo uma conexão entre a linguagem utilizada pelo professor e o contexto linguístico do aluno não haverá este fluxo cíclico de relação entre a linguagem e o pensamento. Devido a esse fluxo o profissional de educação deve buscar compreender mais como acontece esse processo trazido por Vigotsky e pensar estratégias metodológicas para

fazer intervenções adequadas em sala de aula. Ainda mais se pensarmos essa realidade para os alunos daEJA , onde muitos, por não terem se apropriado do código escrito, se utilizam de forma contundente a linguagem verbal como principal ferramenta de interação com o meio, sendo que conseguem, de certa forma, seguir suas vidas profissionais e pessoais, baseados apenas no suporte verbal da linguagem coloquial, linguagem utilizada no cotidiano social. Em contrapartida deixam de se apropriar de instrumentos e possibilidades nas quais tenham sua base na leitura e escrita.

Ainda cabe ressaltar a importância da gestão escolar em todo esse processo de construção, considerando a necessidade da busca de novas concepções que fundamentem a gestão escolar para atender ao novo fluxo operacional das informações que urge do âmbito das intempéries da necessidade humana e da sobrevivência das relações necessárias, influenciadas pela concepção capitalista e outras intempéries sociais. A gestão escolar precisa se aproximar mais do pedagógico da escola para com ele caminhar em harmonia ao longo do processo de construção, desmistificando as esferas de apropriação de espaços delimitados e enaltecendo a visão de unidade escolar, onde os objetivos devem ser comuns. Compreender a importância da participação efetiva da gestão escolar no trabalho com a linguagem, junto com a coordenação pedagógica e a comunidade escolar é vislumbrar um processo coeso, cíclico e consistente, uma vez que o aluno vivencia relações com todas as esferas da unidade de ensino.

Diante essa nova ordem que estrutura e impera nas relações da sociedade o aluno da Educação de Jovens e adultos, em sua maioria, se encontra “refém” de uma sociedade para a qual não foi instrumentalizado para enfrentar, considerando as linguagens das novas tecnologias, pelo fato de não ter tido acesso a escola na idade dita regular e por não se apropriar das novas tecnologias de forma concreta e contextual, o que fomenta o processo de exclusão, sofrendo de forma contundente os efeitos desse novo caminhar, refletido no processo de exclusão social, mesmo parcial, que delimita a capacidade de envolvimento na resolução de situações simples do cotidianas, como sacar dinheiro ou pagar contas no caixa eletrônico do banco, utilizar cartões de crédito ou débito mediante senha eletrônica, retirar senhas em órgãos diversos para atendimento, tudo isso expõe, delimita e por fim exclui o cidadão destes espaços importantes e necessários para o desenvolvimento das tarefas cotidianas.

O surgimento da desigualdade gerado pela exclusão tecnológica ecoa no mais profundo sentimento, arraigado no psicológico de tais alunos, considerando a própria frustração de não ter se alfabetizado ainda criança. Agora são novamente “vítimas”, ou seja, para o aluno é mais um processo de supressão dos direitos, enaltecido pela estrutura social

que possibilita a participação de uns em detrimento de outros personagens. Ao aluno nem é dado o direito de manter-se ou mudar suas opiniões, refletido na concepção da identidade e da cultura, devido a negação do direito, mesmo implícito, de expressar e interagir com um igual sobre dado assunto, considerando os vários momentos históricos que ajudaram a construir e alicerçar a sua visão de mundo. Segundo Freire (1997) é importante, urgente e necessária a compreensão da importância do uso das novas tecnologias e a recusa nesta participação pode colocar em xeque a própria base social do ser humano e de seu bem estar. Esse processo que acontece com o aluno da EJA torna-se cíclico à medida que a falta da apropriação da tecnologia lhe tolhe a possibilidade do acompanhamento das novas relações, o que torna a participação desses alunos, que em sua maioria já têm uma idade considerável, de exercer sua cidadania através de tarefas simples como usar os terminais eletrônicos de bancos, usar cartões de banco com senha, utilizar a internet para serviços; dentre outros que proporcionarão ao aluno ter uma relação mais efetiva com o outro social.

Considerando tal realidade Weisz (199, p. 65),

É equivocada a expectativa de que o aluno poderá receber qualquer ensinamento que o professor lhe transmite exatamente com ele lhe transmite. O professor é que precisa compreender o caminho de aprendizagem que o aluno está percorrendo naquele momento e, em função disso, identificar as informações e as atividades que permitam a ele avançar do patamar de conhecimento que já conquistou para outro mais evoluído. Ou seja, não é o processo de aprendizagem que deve se adaptar ao de ensino, mas o processo de ensino é que tem de se adaptar ao de aprendizagem. Ou melhor: o processo de ensino deve dialogar com o de aprendizagem.

Interessante seria que o significado estivessemos dois polos do processo de significância: no conhecimento prévio e na possibilidade do uso social, mas isso não invalida as vertentes possíveis da aprendizagem significativa.

Também cabe conjecturar que os processos metodológicos que o professor utiliza reflete de certa forma uma visão de trabalho que o mesmo acredita que gerará frutos de boa aprendizagem, mas a questão seria qual base ou instrumentos o professor utilizou para utilizar determinada metodologia uma vez que o alunado não representa uma “massa” homogênea na qual a metodologia poderá não funcionar para todos os alunos. Pensar a metodologia nesta perspectiva, também a coloca no patamar de linguagem, mas uma linguagem que reflete intencionalidades, principalmente do professor, considerando sua formação histórica e cultural.

DIÁLOGO E IDEOLOGIA NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NA EJA

A relação do professor com o aluno de maneira geral é intermediada por vários fatores que podem enaltecer a boa condução do processo de aprendizagem ou podem dificultar o caminhar da aprendizagem. Seja por questões culturais, formacionais, ideológicas, religiosas ou de outra ordem, tal relação expõe sua complexidade a todo momento no contexto da sala de aula e do contexto escolar de forma mais abrangente. Claro que os conflitos são inevitáveis. Desta forma vamos aqui especificar o diálogo como perspectiva de olhar e como intermediador da relação professor aluno, considerando o mesmo como objeto constituído de somatório das várias vertentes acumulativa da formação desse sujeito na condição de professor, sendo este sujeito cultural detentor de uma formação cultural alicerçada também por representações sociais diversas. Para Osti (2012, p. 12) “Representação social consiste numa organização de imagem e linguagem, sendo assim, ela realça e simboliza atos e situações que se tornam comuns. Ela acaba por modelar o que é dado do exterior, na medida em que os indivíduos e grupos sociais se relacionam com situações”. Claro que o processo do diálogo pode ser consubstanciado por intermediadores diversos e de signos comuns, mas certamente a palavra é o mais utilizada nas relações no ambiente escolar, sejam elas : professor-aluno, aluno- aluno, aluno – direção, professor-direção ou envolvendo outros atores. Desta forma Smolka e Nogueira (2011, p. 12) enfatizam que “A palavra é signo por excelência por que se constitui uma esfera dialógica, ou seja, na esfera autêntica da vida. Como tal traz as marcas das concepções, dos objetivos, nas lutas que se travam no interior do contexto em que se produz”. Isso mostra claramente a relação da palavra, do contexto, das representações sociais e da própria ideologia constituída e concretizada a partir das intencionalidades e conseqüentemente as lutas travadas nestas relações.

Desta forma Foucault (2001, p.12) explana,

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros, as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Há de se notar que o aluno em idade regular do Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio sofre pela precariedade do processo da linguagem tecnológica utilizado no ambiente

escolar, mas de certa forma, pode ter acesso ao mesmo em outros ambientes, como no caso das “lanhouse”, o que o possibilita acompanhar o processo cultural e evolutivo destas relações contextuais, ou seja, das relações que são intermediadas pelas tecnologias interativas. Com o aluno da EJA acontece de forma diferente. Este, além de está excluído do processo tecnológico interativo, também podenão ter tido a oportunidade de acompanhar o processo recente de evolução crítico-cultural a partir da necessidade da apropriação de uso dos mecanismos midiáticos que possibilitam novas relações ao longo do tempo.

Pela linguagem captamos o sentido de tudo o que nos rodeia, elaboramos nosso mundo interior e o comunicamos para os outros. As Mudanças na expressão verbal representam, sem dúvida, alterações no modo de perceber e pensar a realidade. (GONZALEZ. 2005.p 26)

Importante salientar que a linguagem é uma construção socialmente aceita e estabelecida por símbolos e impressões que marcam toda uma construção cultural que estabelece possibilidades e convenções que permitem a comunicação efetiva a partir de fatores diversos como regionalismos, nível de escolaridade, meio profissional frequentado, formação acadêmica, dentre outros fatores. Acontece que tais fatores não são estáveis em sua significação; pelo contrário, possuem um dinamismo linguístico e semântico que evoluem pela cultura social, não estabelecendo uma relação direta com uma cronologia uniforme, mas condicionada a fatores diversos como idade, escolaridade, gênero, regionalismo, dentre outros. Porém, tal caminhar pode camuflar certas intencionalidades que caracterizariam uma ideologia, que na educação pode representar emancipação ou exclusão do sujeito; tudo depende do grau de conhecimento e consciência do condutor. É a partir destas intencionalidades Freire traz a relação do professor e aluno da seguinte maneira:

O professor fala a maior parte do tempo em voz alta, dominando a aula com sua subjetividade, limitando a subjetividade dos alunos. A fala didática do professor ocupa a sala de aula com formas gramaticais corretas que envolvem os alunos e limitam sua manifestação-provocando reação de silêncio e de sabotagem. O meio escolar é pesado, incomum em suas formas padrão, e cheio de riscos de humilhação públicas para os alunos que tenha de atuar de uma forma que lhes é estranha.(FREIRE. 1986. p, 90).

Interessante notar na perspectiva de Freire que a própria entonação da fala do professor já é colocada de forma a subjugar a fala do aluno demarcando claramente qual é o espaço de cada um deles: o professor fala e os alunos só ouvem, o professor é o que tem voz firme e não erra, o aluno praticamente não tem voz e quando a tem é fragilizada pelo medo do erro. Também as expressões e palavras do professor são carregadas de termos científicos, muitas

vezes utilizados de forma desnecessária, sendo possível até substituí-los por termos mais acessíveis aos alunos. Esta forma de relação entre professor e alunos, ideologicamente construída, camufla uma intencionalidade que vem à tona em um suposto “diálogo” que na realidade é apenas um monólogo que violenta e humilha o aluno, não apenas em seu conhecimento, mas em seu âmago cultural e da própria ancestralidade. Diferentemente do aluno do ensino regular do diurno, o impacto dessa esfera educacional tem um efeito muito mais intenso e danoso no aluno da EJA, porque atua diretamente em sua historicidade, inclusive afetiva, muitas vezes desconsiderando sua vasta construção cultural.

Além disso, é necessário entender que o aluno da EJA traz consigo uma gama de conhecimentos adquiridos ao longo da vida, são os conhecimentos prévios que certamente lhe servem de sustentáculo para entender e interpretar novos conhecimentos que são agregados. Além desse conhecimento prévio, existe também a necessidade social de tais conhecimentos, ou seja, a necessidade do uso no cotidiano de tais conhecimentos. A grande questão é que muitos professores só consideram a bagagem de conhecimento trazido pelo aluno, mas se esquecem da necessidade do uso social. Neste caso especificamente, aparece a figura do professor educador como o grande ator dessa possibilidade, pois só o mesmo tem os instrumentos para motivar o aluno diante de uma necessidade de apropriação de conhecimentos necessários para o indivíduo evoluir enquanto sujeito social. O professor não deve se ater apenas aos conhecimentos prévios, pois isso tolhe as possibilidades do avanço do aluno, mas pelo contrário, o professor deve oferecer-lhe sempre a possibilidade. Claro que com isso não queremos diminuir a importância da vivência do aluno da EJA, que não são poucas, mas possibilitar avanços e oportunizar aprendizagens. Isso não diminui em nada a significância do aprendizado do aluno, pelo contrário, enaltece a perspectiva de evolução dentro de uma ótica de construção dialógica a partir de aspectos cognitivos e relacionais.

Ainda Freire remonta a realidade da sala de aula e da importância do discurso do professor, considerando a necessidade do professor conhecer o seu aluno e sua realidade.

Só posso aprender o idioma, a consciência e o conhecimento dos meus alunos, se eles permitirem, se eu criar relações de discurso dentro das quais eles se abrem. Só lhes posso ensinar verdadeiramente conhecendo seus níveis de pensamento, aptidões e sentimentos, mas só posso pesquisar essas coisas se eles estiverem dispostos a desempenhar seu papel. Eles não contribuirão para ensinar-me, a menos que sejam tratados em sala de aula como seres humanos que merecem respeito, num projeto de aprendizado importante. O ambiente verbal da sala de aula é uma chave. (FREIRE. 1986. p, 90)

Há de se notar que o ambiente educacional deve ser facilitador é uma forma de expressão e também um facilitador para a boa condução do processo ensino aprendizagem, mas não é só isso que vai preponderar no processo. Também, a criação de diálogos informais suscitarão possibilidades de diálogos diversos inserindo o alunos como autor de histórias diversas nas quais são também atores. Cabe salientar também que a linguagem é possibilitadora de construção de signos culturais que estes, podem ter um caráter relativista a medida em que seu significado é dado a partir de subjetividade culturais e também geográficas.

Também a questão do tratamento dado ao aluno pela escola facilita a participação dos mesmos nas atividades escolares, pois o se sentir acolhido é uma condição importantíssima para a aprendizagem. Como dito no parágrafo anterior sobre a construção dos símbolos e sua valorização, o contrário certamente gerará uma violência simbólica a partir da desconsideração da própria construção do sujeito cultural, o que limitaria bastante o trabalho do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento é interessante vislumbrar o resultado mais contundente da relação da linguagem educação nos aspectos sociais em sua relação com o que é oferecido no ambiente escolar, considerando neste contexto fatores que são responsáveis de permitir articulações que valorize cada vez mais uma educação que contemple vários aspectos do sujeito, que não é só aprendente, mas ressignificador de uma realidade que está posta na sociedade por várias razões, inclusive ideológicas e intencionais. Esse repensar do sistema educacional e do professor irá permitir uma nova abordagem para ser traduzida como elemento de uma estrutura que precisa ser reorientada dentro de fatores sócio histórico e culturais que reflitam de fato a necessidade da sociedade atual. Também cabe reflexão quanto ao processo de aprendizagem e os fatores que vão ser comuns entre a educação formal e não formal e que poderão servir de interlocução de um processo contínuo e recíproco. O educador, também sendo sujeito ativo de um processo e referência de uma dinâmica social, precisa estar posicionado e sabendo de “qual lugar” ele pensa e faz educação, caso contrário seremos atores coadjuvantes de um filme de longa metragem, onde o enredo pode ser extremamente fatalista e irresponsável.

A acolhida da educação não formal no ambiente escolar vem desmistificar preconceitos e mal entendidos que permeiam os currículos com relação à educação popular e o conhecimento do senso comum. O professor, independente de concepções políticas, precisa se instrumentalizar das bases linguísticas e das várias formas de expressão da comunidade

onde atua e que alicerçam a origem desses olhares deslocados e às vezes até perversos, com relação ao conhecimento trazidos pelos alunos. Precisamos de fato nos desvencilhar dessas vendas que cerram nossos olhos e nos levam a acreditar em tais construções ideológicas que simplesmente valorizam as formas de expressões dominantes, colocando-as num patamar de superioridade, deixando a linguagem utilizada nas comunidades mais carentes num segundo plano, formadoras de supostos “guetos linguísticos”. Cabe refletir porém, que trazer essa perspectiva a educação, em si, não se traduz em garantia de qualidade no processo de aprendizagem, precisa-se antes de tudo entender a dinâmica das relações de conhecimento e a “hierarquia cultural e ideológicas” impostas aos alunos e infelizmente, muitas vezes, reproduzidas pela escola, e conseqüentemente pelo professor.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Memória e produção de saberes em espaços educativos não formais. Usos do Passado.** In: XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH, Rio de Janeiro. 2006.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto imagens.** Petrópolis, Vozes. .2009

COLL, C.. **Educação, escola e comunidade: na busca de um compromisso. In: Comunidade e escola: a integração necessária.** Pátio – Revista Pedagógica, Porto

CORTELA, Mário Sérgio. **Contribuições da educação não-formal para a**

FREIRE, P.), **Medo e Ousadia:** Cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra ,1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra ,1997.

GADOTTI, Moacir. **A Questão da educação formal/não-formal.** Sion: Suisse

GOHN, Maria da Glória),. **Educação Não Formal e o Educador Social.**2ª ed. São

GONZALEZ, Leopoldo Jesús Fernandez. **Linguagem, Sociedade e Cultura.**Petrópolis-Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 2005.

Perrenoud, Ph. **Dez Novas Competências para Ensinar.** Porto Alegre : Artmed Editora, 2000.

SMOLKA, Ana Luiza B.; NOGUEIRA, Ana Lúcia H. **Emoção, memória, imaginação:** a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo: ática, 1999.

VIGOTSKY, LevSemenovich. **Pensamento e linguagem.** SãoPaulo: Martins Fontes, 1987.

OSTI. Andréia. **Dificuldade de Aprendizagem, afetividade, e Representações Sociais:** reflexões para a formação docente. Jundaí, Paco. Editorial:2012.